



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

**TRIBUTO A IEMANJÁ:
FESTA RELIGIOSA NA PRAIA DO CASSINO-RIO GRANDE/RS-BRASIL**

**TRIBUTE TO IEMANJÁ:
A RELIGIOUS FESTIVAL IN CASSINO BEACH – RIO GRANDE/RS-BRAZIL**

(Recebido em 11.03.2014; Aceito em: 14.06.2014)

Rogério Amaral Pereira
Doutorando em Geografia
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, PR, Brasil
e-mail: rogerioappixote@hotmail.com

RESUMO

O artigo consiste no estudo de caso sobre festa popular de cunho religioso, em especial, a de homenagem a Iemanjá na Praia do Cassino, realizada entre os dias 1º e 2 de fevereiro. É uma das festas de cunho religioso afro-brasileira mais expressiva do Estado do Rio Grande do Sul, com mais de 50 anos ininterruptos de realizações. O objetivo do estudo é contextualizar sobre as manifestações populares ocorridas na festa, e também as suas relações simbólicas. Assim, as festividades também ocorrem em expressões culturais religiosas desdobradas fora do espaço festivo estabelecido pelo Poder Público Municipal. E a religiosidade popular torna-se o saber que significa o apreender do Mito da “Senhora do Mar”, ou seja, o “homicídio” da divindade para jamais esquecê-la. Com isto, o subsídio social do estudo é de exercer uma leitura científica desprovida de preconceitos ao manusear a festa popular de cunho religioso no debate sobre o espaço simbólico como aporte para compreensão das manifestações sociais, através da religiosidade popular constituída dentro do espaço urbano rio-grandino.

Palavras-chave: Geografia da Religião; religiosidade popular; homenagem a Iemanjá; símbolos religiosos; turismo.

ABSTRACT

The article consists in the case study about the popular religious festival, specially, the festival celebrating Iemanjá in Cassino Beach, held between February the 1st and the 2nd. This is one of the most expressive afro-Brazilian religious festivals in Rio Grande do Sul, with more than 50 uninterrupted years of realizations. The objective of the study is to contextualize about the popular manifestations held in this festival, and also its symbolic relations. Then, festivities also happen in religious cultural expressions made out of the festival space established by the Local Public Power. And the popular religiosity turns to the divinity to never forget it. Then, the social subside of the study is to make a scientific reading without the prejudices when handling the religious popular festival in the debate about the symbolic space as a help to comprehend the social manifestations, through the popular religiosity constituted in the rio-grandino urban space.

Keywords: Geography of Religion; popular religiosity; tribute to Iemanjá; religious symbols; tourism.

INTRODUÇÃO

Logo no princípio do mundo, Iemanjá já teve motivos para desgostar da humanidade. Pois desde cedo os homens e as mulheres jogavam no mar tudo o que a eles não servia. Os seres humanos sujavam suas águas com lixo, com tudo o que não mais prestava velho ou estragado. Até mesmo cuspiam em Iemanjá, quando não faziam coisa muito pior. Iemanjá foi queixar-se a Olodumare. Assim não dava para continuar; Iemanjá Sessu vivia suja, sua casa estava sempre cheia de porcaria. Olodumare ouviu seus reclamos e deu-lhe o dom de devolver à praia tudo o que os humanos jogassem de ruim em suas águas. Desde então as ondas surgiram no mar. As ondas trazem para a terra o que não é do mar (PRANDI, 2001, p. 392).

Dentro desta esfera mítica religiosa do texto de Reginaldo Prandi sobre a mitologia do Orixá “Rainha das águas salgadas”, o presente ensaio acadêmico aborda o estudo de caso sobre a festa em homenagem a Iemanjá, cujo ritual, os festejos, ocorrem no dia 1 até a madrugada do dia 2 de fevereiro, na praia do Cassino-Rio Grande/RS (FIGURA 1). Portanto, o objetivo central do estudo é contextualizar sobre a festa e a relação difusora dessa manifestação cultural por intermédio do turismo. E como viés de interpretação do evento é pontuado como mais do que uma simples “reunião de pessoas em função de um motivo específico” (BAHL, 2004a, p. 24). Entende-se que as festividades também ocorrem em

expressões culturais religiosas desdobradas do espaço da festa reconhecido pelo Poder Público Municipal¹.

Conforme Eliade (2010), a festa religiosa torna-se o saber que significa apreender o mito central, ou seja, o homicídio da divindade e suas consequências é esforçar-se por jamais esquecê-la. Deste modo, a religiosidade é algo que faz parte também do cotidiano e compreende-se sua presença sempre como algo qualitativamente superior. Assim, a experiência do sagrado repercute em diferenciações em relação aos lugares e objetos, ou seja, encontra-se ligado ao vivenciar. E os seres humanos, além de sacralizarem os lugares, necessitam vivê-los, pois percebem a paisagem à volta, o templo construído, o local reservado, a sua potencialidade. E o mesmo autor ainda esclarece a relação dos mitos com as festas do seguinte modo:

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje [...]. Se o Mundo existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no “princípio”. Mas após a cosmogonia e a criação do homem ocorrem outros eventos, e o homem, tal qual é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, é construído por aqueles eventos (ELIADE, 2010, p. 16).

Neste contexto, o incluir do fator religioso na festa como uma linguagem (religiosa), essa fruto da relação mítica, permite alcançar uma afinidade de símbolos que deixa para trás a superação de uma vertente positivista de mera dicotomia entre a dualidade corpo e alma, simbolismo e racionalidade, mito e logos, sagrado e profano, pois é dentro destas forças dialéticas que interagem de modo produtivo e constituído o campo imagético² do evento. Assim, atividade deste reencontro através do evento pode ser atrelada à produção turística, a qual “emerge e se amplia como fator econômico, mas também como referencial de felicidade, oportunizando a valorização do homem em sua totalidade psicofísico-social” (VETTORATO, 2003, p. 34).

¹ Refere-se ao lugar em torno do monumento, no qual são dispostos no mastro com as representações governamentais e religiosas, e os Terreiros são organizados no campo ao lado, perfilados, formando um conjunto de tendas, porém, dentro de uma hierarquia que vai do mais próximo do monumento ao mais afastado. E assim, neste lugar, segundo Haesbaert (2012), encontram-se os signos da permanência e da mudança, e são vividos ritos da ordem, do caos, da disciplinarização.

² O termo refere-se como um Eu que se torna um ponto de reflexo que vê, mas não se deixa ser visto, o qual não possui ponto nem ocupa um espaço, é exercido pela própria mente fenomenológica.

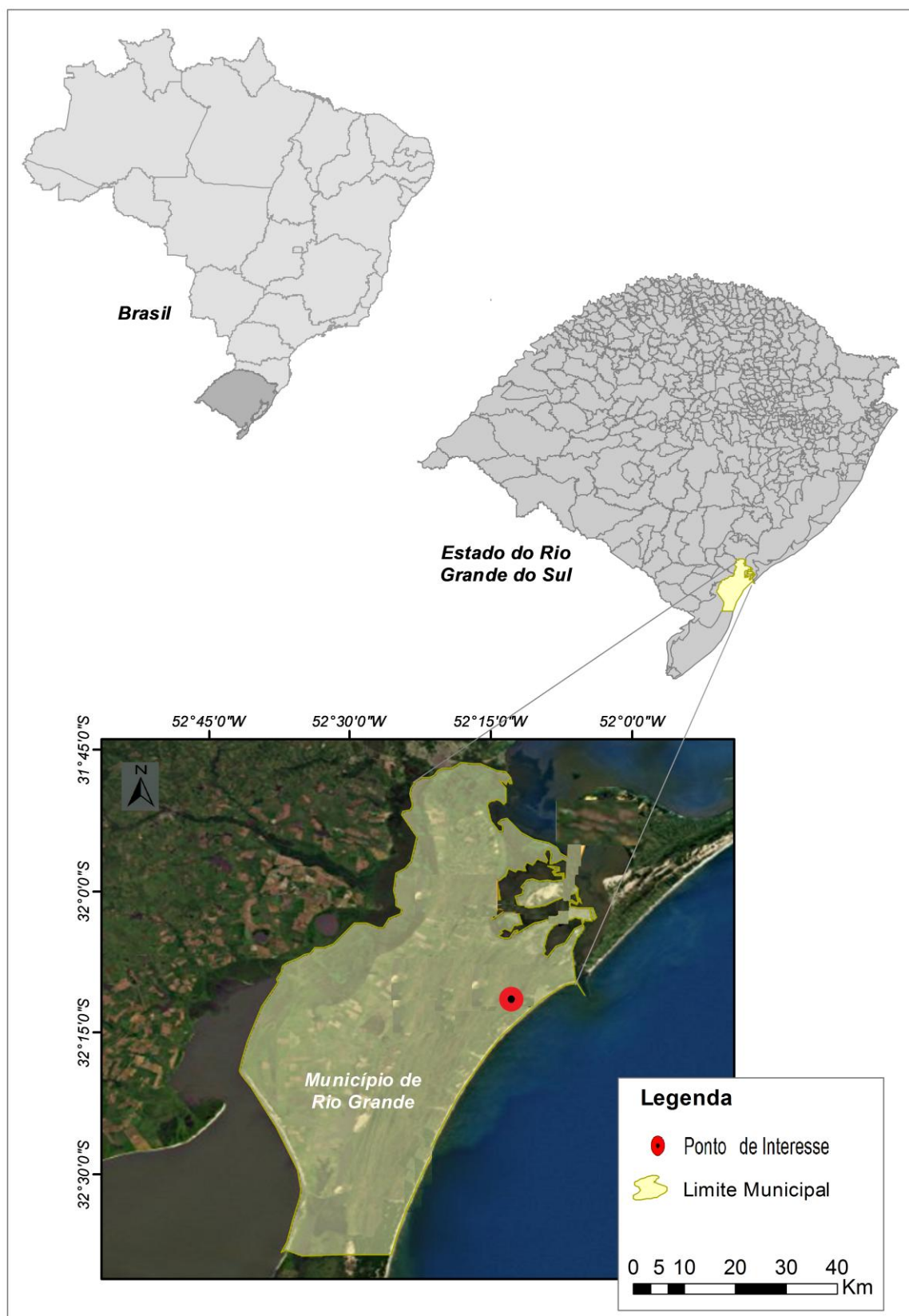


FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DA PRAIA DO CASSINO NA CIDADE DE RIO GRANDE/RS-BRASIL.
FONTE: ORGANIZADO PELO AUTOR. 2013.

Desta forma, o subsídio social do ensaio acadêmico é permitir uma leitura científica e desprovida de convencionalismos ao manusear uma festa de cunho religioso (cultural), neste caso, afro-brasileira, e buscar o debate vertical sobre a questão simbólica no espaço urbano, por meio das festas religiosas como aporte de estudo da Geografia como meio de apropriação do turismo, segundo Bahl (2004b, p. 59):

[...] atuando em nível de divulgação da cidade pode servir também como estimulador para o resgate da lembrança viva dos fatos da cidade que podem ser trabalhados com a comunidade, melhorando a compreensão do que é visto e melhor entendendo o seu significado.

Deste modo, o estudo de caso escolhido, a festa a Iemanjá na praia do Cassino, mostra bem o limiar do fator da comunidade local na realização da festividade e a relação com o Poder Público Municipal para difundi-la como um evento regional, onde são apontados interesses de ambos os lados. De acordo com Blass (2007), a festa de Iemanjá aponta para uma gama de temas, dos quais é possível salientar o conjunto de práticas de trabalhos considerados concretos e abstratos que se estabelecem alavancados pelo “sagrado”, ou seja, da comunidade que tem a sua relação com as águas salgadas, por exemplo, os pescadores que tiram seu sustento e sua alimentação e, de outro lado, como abstrato, os assalariados na festa, que têm seus empregos vinculados à prestação de serviços destinados direta ou indiretamente aos visitantes, turistas e excursionistas que têm o destino da praia do Cassino, em Rio Grande-RS, em plena temporada de veraneio.

Diante dessa problemática, o questionamento que norteia o estudo é o seguinte: A festa à “Rainha do Mar” na praia do Cassino é um “bem patrimonial” que está se tornando um evento de divulgação, pois a festa se apropriou do turismo? Esta questão deu origem ao cerne deste artigo, pois instigou a curiosidade em compreender o processo dessa manifestação religiosa e suas facetas de assimilação no espaço rio-grandino atribuídas à espacialidade simbólica turística geográfica.

Nesta dinâmica, a exposição do presente tema foi organizada em quatro partes, que têm início com o caminho metodológico do ensaio apontando as linhas teóricas adotadas e relacionando os passos da pesquisa em campo. Já a segunda etapa realiza uma contextualização sobre a festa de Iemanjá no Cassino,

assinalando elementos da sua constituição até a atualidade. Na sequência, a terceira etapa salienta a relação entre o simbólico e a festa, com um debate partindo das atribuições de Pierre Bourdieu (1930-2002) em relação ao simbólico da festa. E, na última etapa, apresenta a problematização do estudo, ou seja, o debate sobre o reconhecimento do evento como um “bem patrimonial” e a relação de ser um acontecimento reconhecido regionalmente, tendo atribuições ao turismo de “praia e sol” no local do acontecimento, a cidade do Rio Grande/RS. Tudo isso, como embasamento para compreensão das manifestações humanas (sociais) na interpretação das espacialidades simbólicas constituídas no evento festivo.

Mediante esta trajetória expositiva, foram realizados esforços para aprofundar o estudo sobre as “espacialidades simbólicas” que tomam forma de divulgação também através do turismo como evento, as quais começam no imaginário do indivíduo, neste caso, dos organizadores e dos turistas e se concretizam no local de destino. Mas aqui quer se deixar – sem ter a convicção de parecer uma pretensão exagerada – um organizar de ideias, que permita operacionalizar o tema proposto à produção turística através do evento festivo. Este constituído por meio de uma longa trajetória, cuja constituição foi fundamentada diante de observações e reflexões de estudos como este que será oferecido no decorrer dos próximos parágrafos.

CAMINHADA METODOLÓGICA DA PESQUISA

O encontro conceitual entre a Geografia e o Turismo apresenta um estreitamento “científico”, pois a Geografia, na sua evolução em relação ao conceito, começou a determinar como fato principal a análise e a organização do espaço, obtendo como objeto de estudo o denominado espaço geográfico; já a atividade turística, de acordo com Vettorato (2003, p. 34):

[...] se realiza por meio de elementos dos espaços geográficos, utilizando o meio natural ou construindo como atrativo turístico, os equipamentos urbanos como infraestrutura do turismo e o território como origem do destino local. [...] diversos conceitos, como lugar, região, cidade, paisagem, função, fluxo e outros, essencialmente geográficos, são também relacionados ao turismo. Isso tudo induz a incluí-lo no campo de interesse e investigação da ciência geográfica.

Com isto, as reflexões do estudo foram exercidas através das atribuições filosóficas de Mircea Eliade (2010), sobre mito e religião. Do Turismo: por meio das contribuições de Reinaldo Dias e Marina Rodrigues Aguiar (2000); nos fundamentos do turismo, de Miguel Bahl (2004a; 2004b); sobre turismo e eventos e os fatores ponderáveis para o turismo, de Cristian Dennis Monteiro de Oliveira (2004; 2011); sobre turismo religioso e festas religiosas e vetores, mítico, político e midiático em festas religiosas, entre outros. Na Geografia, com os estudos de Paul Claval (2001; 2008), relacionados às sociedades e mitos fundadores; e as abordagens culturais de Sylvio Fausto Gil Filho (2008) e a reflexão sobre espaço sagrado e Zeny Rosendahl (1999) e a relação do sagrado com o urbano, entre outros. E da Sociologia, através de Pierre Bourdieu (2006; 2009) e os estudos sobre os símbolos como poder e estrutura social do campo religioso; e com Serge Moscovici (2011) o aporte sobre as representações sociais.

O trabalho metodológico alusivo à coleta de dados qualitativos sobre o desempenho empírico da festa em homenagem a Iemanjá na praia do Cassino, foi objetivado durante o período do primeiro semestre de 2012, pois é uma pesquisa que se encontra em processo de desenvolvimento. Os indivíduos sociais que compõem o cenário da festa, com muita atenção e respeito, responderam aos questionamentos iniciais e contribuíram com informações, expondo suas experiências, conhecimentos e afetividade em relação ao objeto de estudo. Porém, às vezes, com informações de que já se dispunha, o que não gerava, o desânimo, mas, sim, o ânimo de estar-se na trilha certa, ou seja, de “estar cercando” o objeto de estudo.

O estudo, através da pesquisa em instituições públicas, por exemplo, a Secretaria Especial do Cassino-SEC, a Secretaria Municipal de Segurança dos Transportes e do Trânsito-SMSTT e a Fototeca Municipal Ricardo Giovannini-FMRG e as instituições privadas como a pesquisa em jornais locais e regionais, como o Jornal Agora e Zero Hora, almeja mostrar as informações relacionadas à repercussão das festividades a Iemanjá na região. Tudo foi relacionado às pertinências obtidas, por meio da coleta de informações de fontes primárias como a pesquisa de campo exercida com os seguintes recursos: caderno para anotações e câmera digital para o registro em vídeo e fotos da festa na praia do Cassino em homenagem a Iemanjá.

E, ao investigar as espacialidades simbólicas da manifestação religiosa cultural no espaço do evento, o qual foi aprendido e relacionado pelos indivíduos na relação que vai da busca pelo agrupamento social, ou seja, do simples ir ao encontro do próximo, até o vínculo puramente religioso como meio de interesse, propulsor do deslocamento dos indivíduos para esta localidade no período das festividades a Iemanjá. Assim, o trabalho empírico inicial realizado em campo foi desenvolvido no período de um mês, no qual se teve contato direto com a área de estudo e seus componentes sociais em uma investigação de pré e pós-festa. E a relação com análise desses elementos sociais da pesquisa ressaltou quatro grupos sociais bem demarcados dos dezoito indivíduos que foram entrevistados e expressaram a sua relação com a festa em homenagem a Iemanjá na praia do Cassino-Rio Grande/RS:

- O grupo composto por 4 moradores fixos do balneário do Cassino que se configura por indivíduos entre a faixa etária adulta e idosa (em maior número), os quais enxergam a festa como um problema, ressaltando a questão da violência e falta de segurança.
- O grupo composto por 6 religiosos, que tinha em maior número indivíduos na faixa etária idosa, os quais observam a festa como um atrativo, não mais com aquele fervor estritamente religioso de antigamente, mas que deve ser preservada.
- O grupo composto por 4 prestadores de serviços compostos por indivíduos na faixa etária adulta, os quais percebem a festa mais como um caráter festivo, e também reclamam da falta de segurança e o grande número de pessoas no balneário.
- O grupo composto por 4 indivíduos, entre eles visitantes, excursionistas e turistas, que eram em grande número jovens e adultos, dos entrevistados, muitos se direcionam à festa pelo caráter religioso, a exemplo dos excursionistas, por pertencerem aos Terreiros³ que fazem parte da festividade.

³ No decorrer deste estudo, Terreiros será referido com letra maiúscula inicial como sinal de respeito ao local de manifestação religiosa de matriz afro-brasileira.

A visão das representações sociais despontou ao longo da pesquisa com uma nitidez ao conjunto de reflexões sobre os grupos apresentados anteriormente, que vêm ao encontro do pensamento de Moscovici (2011, p. 49), na seguinte passagem:

[...] as representações coletivas se constituem em instrumentos explanatórios e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo”.

E esse social festivo pode ser compreendido de acordo com Blass (2007), quando expõe que as festas são, de modo geral, realizadas como um ato mais que coletivo e sim social ritualizado, o qual promove a ruptura, ou pelo menos a suspensão temporária das atividades e relações que cercam a vida cotidiana, interferindo em hierarquias, posições e papéis sociais. E neste contexto, a festa representa o lugar onde às divindades, vindas do “plano do além sobre a Terra”, são sacralizados (CLAVAL, 2001, p. 144). Este panorama será apresentado de forma mais contundente no decorrer do estudo entre o simbólico e a festa.

PANORAMA SOBRE A FESTA EM HOMENAGEM A IEMANJÁ NO CASSINO-RIO GRANDE/RS-BRASIL

A cidade está localizada ao sul do Estado do Rio Grande do Sul, fundada em 19 de fevereiro de 1737, na desembocadura da Lagoa dos Patos, um marco inicial dos portugueses em terras sulinas, berço da entrada das religiões de matriz africana no referido Estado e no Brasil. É manifestada popularmente como “Noiva do Mar” devido a sua proximidade com os corpos hídricos: o Saco da Mangueira, o Canal do Norte e a Praia do Cassino, que simboliza mais que o cenário de apresentação desta cidade, concebe também uma relação mítica dos cidadãos com a urbe Rio Grande/RS. E na praia do Cassino, localizada nesta cidade, com mais de 100 anos, considerada o balneário marítimo mais antigo do país, fundado em 1890, segundo dados da SEC, onde ocorrem as festividades à “Rainha das águas salgadas”, no município.

Conforme aponta Camargo e Calloni (2012), no estudo sobre educabilidade ambiental referente às festividades de Iemanjá, a festa começou a tomar forma na

década de 1960, e segundo dados dessa Secretaria Municipal, teve sua primeira festa “organizada” em 1º de fevereiro de 1963, por João Araújo então parlamentar municipal (vereador) e também presidente da Liga de Espiritismo e Umbanda de Rio Grande/RS, na época.

Ainda, neste período, o elemento natural, ou seja, a praia era o único elo das festividades, como elemento de uma representação simbólica entre os praticantes e os simpatizantes da religião do Batuque⁴ e da Umbanda⁵ e do Orixá Iemanjá. Conforme Moscovici (2011, p. 52): “restauram a consciência coletiva e lhe dão forma explicando os objetos e acontecimentos de tal modo que eles se tornam acessíveis a qualquer um [...]”.

No entanto, só depois de dez anos, em 1973, a cidade ganha um elemento simbólico da religião de matriz africana, através da estátua em homenagem a Iemanjá (FOTO), esculpida pelo escultor rio-grandino Érico Gobbi (1925-2009), em cimento, pesando em torno de duas toneladas e com 2,10 m de altura, despontada na paisagem praiana rio-grandina, situada na desembocadura da Avenida Rio Grande, constituindo um elemento simbólico de veneração e, ao mesmo tempo, de “resistência” religiosa. Esta é considerada pelos membros das religiões do Batuque e Umbanda nesta cidade como o maior símbolo de fé; as suas representações “não falam somente do que existe: elas também dão uma grande medida do que é a imaginação” (CLAVAL, 2008, p. 18).

Diante deste contexto, na festa, a cada ano, tem aumentado o número de participantes, com o conhecimento de mais de 80 Terreiros oriundos das mais diversas cidades no entorno de Rio Grande/RS, e também de fora do Estado, principalmente de países vizinhos, como Uruguai e Argentina, com as seguintes manchetes noticiadas em jornais locais e regionais: “Culto a Iemanjá atrai centenas de fiéis à praia”⁶; “Fé leva multidão à festa de Iemanjá em Rio Grande”⁷. Segundo

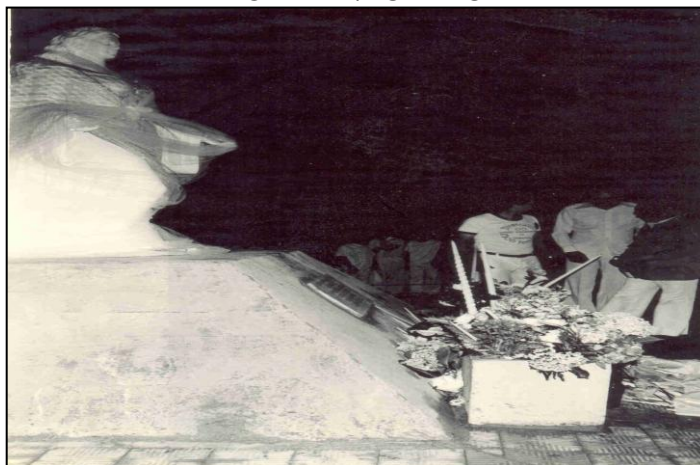
⁴ É a denominação dada, no Estado do Rio Grande do Sul, à religião afro-brasileira que cultua somente os Orixás, essa oriunda de povos, por exemplo, da Nigéria, Nova Guiné, Angola, entre outros. Tem como nações fundadoras de rituais: Jeje, Ijexa, Oyó, Cambinda e Nagô.

⁵ Referente à religião que cultua os espíritos humanos encarnados, na Terra, por intermédio dos Orixás. E nesse culto tem a participação dos espíritos elementares e os espíritos humanos. Assim a definição do nome Umbanda refere-se ao termo em linguagem oriental antiga, e a palavra UM, que significa Deus, e BANDA, também de mesma origem, quer dizer agrupamento, entendido como legião de entidades.

⁶ Ler reportagem completa no Jornal Agora – O Jornal do sul. Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/print>>. Acesso 4 ago. 2012.

Dias e Aguiar (2000, p. 28), pode-se atrelar também a categoria de turismo de interior, pois é “realizado pelos visitantes, tanto residentes como não residentes, no território econômico do país de referência. Trata-se de uma combinação do turismo doméstico com o turismo receptivo”.

FOTO - INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO EM HOMENAGEM A IEMANJÁ NO CASSINO - RIO GRANDE/RS-BRASIL.



FONTE: FOTOTECA MUNICIPAL RICARDO GIOVANNINI-FMRG, 1976.

E o balneário do Cassino, que é referenciado como de segunda residência, apresenta uma população com cerca de 25.000 habitantes que são moradores fixos, entre eles, um número elevado de jovens universitários que contemplam a sua morada neste ambiente litorâneo. Porém, no período que compreende o verão, esse número aumenta para 250.000 segundo informações da SEC. E durante a semana que antecede a festa em homenagem a Iemanjá até o término do evento, conforme dados da SMTT, há um aumento em torno de 30.000 pessoas no balneário.

Contudo, o número de participantes da festa chama a atenção para uma possível massificação, tornando um evento que,

pode trazer consequências de diversas ordens, tais como: a perturbação da ordem pública a saturação de espaços físicos; a falta de respeitabilidade para com edificações ou logradouros públicos ou desinteresse de preservação; choques culturais e de costume em função de comportamentos inadequados ou exóticos; incorporação de elementos visuais ou de impacto [...] (BAHL, 2004a, p. 24).

⁷Ler a reportagem completa no Zero Hora. Disponível em: <<http://www.zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2011/02fe-leva-mutidao-a-festa-de-iemanja>>. Acesso 4 ago. 2012.

Dentro das festividades, os mais de 80 Terreiros citados anteriormente são “norteados” pela União Rio-grandina de Umbanda e Africanismo Mãe Iemanjá-URUMI, presidida por Pai Nilo de Xangô. Porém, é uma festa que, apesar de mais de 40 anos de realização, só entrou para o calendário de eventos do Município de Rio Grande/RS, em 7 de janeiro de 1999, através da Lei 5.291, conforme informação da SEC.

De acordo Oliveira (2011), é possível notar um jogo de forças e também de uma resistência pelo reconhecimento da localidade por parte do governo local e das religiões em questão. E nesta visão que o estudo seguirá nos próximos parágrafos, pois dentro de uma visão de vetores é possível verticalizar o diálogo, por meio do elemento mítico religioso como base para um discorrer que abarca duas etapas, onde o festejar será observado, pela ultrapassagem do simbolismo religioso imediato. E mais, segundo o autor:

A visitação, portanto, faz desaparecer de uma vez por todas a ideia de que o turismo é um movimento extraordinário de uma única mão. São as trocas e as inversões entre espaços emissivos e receptivos que fazem do turismo acontecer. Quando o turista “vai” é porque algo já “veio” até ele. (OLIVEIRA, 2004, p. 97)

O SIMBÓLICO E A FESTA

Os símbolos misturam as percepções humanas, porque esses assumem o lugar dos acontecimentos verdadeiros. Eles apresentam-se como a crença e mais a existência de um lugar para preenchê-la no inconsciente individual, o qual aceita a interpretação dos processos que produzem a necessidade da sublimação religiosa. Ainda assim, esse processo subsiste com o indivíduo, não podendo preencher esse lugar com suas próprias produções, mas somente utilizando significantes dos quais não dispõe livremente.

Bourdieu (2006, 2009) expõe que determinados símbolos são perpetuados, entre outras palavras, obtêm destaque social em relação a outros. Ele também enfatiza que determinados símbolos, através da sua “linguagem”, têm como dinâmica de informação referenciar os grupos sociais. E neste conjunto de ideias alavancadas pela questão do símbolo desponta o seguinte questionamento: Como a

festa de Iemanjá é abarcada como um símbolo e não como um signo de uma religiosidade?

Para Berger (1985), uma vez que, quanto mais forte é a tendência dos homens para crer em um poder invisível e inteligente presente na natureza, mais eles têm uma tendência igualmente forte de dar atenção aos objetos sensíveis e visíveis e, a fim de reconciliar essas inclinações, são levados a unir o poder invisível a algum objeto visível.

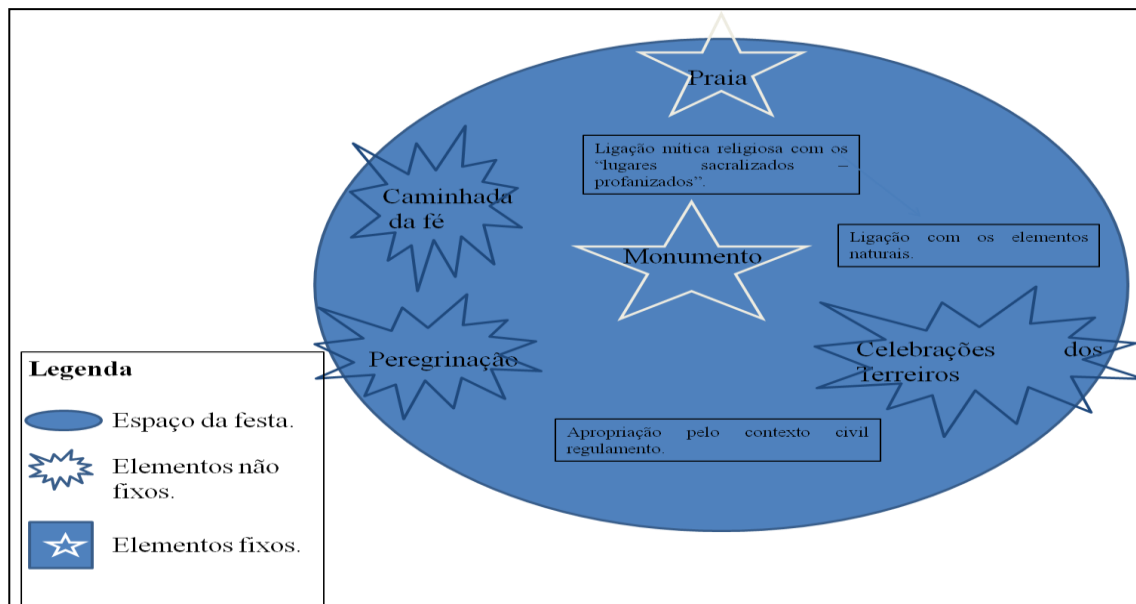
Neste panorama, destaca-se a questão do objeto também representar o simbólico, neste caso, na festa em questão, tem-se dois contemplos nítidos e fixos, que envolvem o cenário festivo: natural à própria praia (orla marítima) e o religioso-cultural, o monumento em homenagem a Iemanjá, ou seja, um dos principais atrativos turísticos.

E o simbolismo religioso como atrativo turístico vem ao encontro da reflexão de Oliveira (2004, p. 52), na seguinte abordagem:

O símbolo é, em si, uma construção mitológica, e não pode haver turismo religioso sem a percepção de elementos simbólicos que remetem ao divino. Ter fé é o mesmo que acreditar no símbolo. Acreditar naquela força de condensação de energias contrárias que, dependendo dos ritos adequados, irão vibrar em conformidade com os desígnios de um deus. O símbolo contém o ícone (ou imagem) ou qualquer ícone reproduz uma enorme quantidade de símbolos?

E contrapondo esta dinâmica simbólica de elementos fixos (ver a FIGURA 2) nas festividades a Iemanjá, apresentam-se as manifestações desdobradas dentro do espaço constituindo os “cenários” que são: 1) a Caminhada da Fé, uma peregrinação que reúne autoridades religiosas e políticas, a qual passa por toda a Av. Rio Grande até o monumento de Iemanjá; 2) a Celebração dos Terreiros com manifestações pré e pós-festa ligados aos dois elementos fixos do cenário da festa; 3) as pessoas que fazem os seus próprios rituais dentro da festa, a exemplo dos peregrinos que pagam seus acordos com a divindade, fazendo a caminhada até a praia, colocando oferendas no mar, sem referenciar o monumento, e outros reverenciam o monumento com oferendas e não vão até a beira do mar, e os que fazem os dois. Assim, nos exemplos expostos, o símbolo é uma potencialidade do imaginário para a representação da fé dentro da festa. É possível, compreender que o mito é contemplado por diversos significados que apreciam as várias festividades contidas na festa.

FIGURA 2 - REPRESENTAÇÃO DA ESPACIALIDADE DA FESTA DE IEMANJÁ NO CASSINO - RIO GRANDE/RS-BRASI.



FONTE: ORGANIZADO PELO AUTOR. 2012.

Para Rosendahl (1999), é por meio do simbolismo (religioso) que possuem e pelo caráter sacro-profano atribuído ao lugar, podem-se denominar estas festividades como sendo diversos centros de ligação ou “micro-santuários” em movimento, os quais são lugares de convergência, marcados por tempos simbólicos, ou seja, da festa, próprios de cada indivíduo com a divindade. Desta forma, o lugar relacionado, a prática social da festa é parte integrante de uma totalidade que, ao se organizar, configura diferentes tipos de cenários e resultados de tipos determinados de manifestações, não só da fé.

Esta é construída, conforme Gil Filho (2008), nas representações espaciais, ou seja, na(s) forma(s) de conhecimento(s) da divindade. Mesmo que o tempo e o lugar gerem determinadas formas de representação, é na dualidade indivíduo (sujeito) e objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda forma de representação. Ainda o mesmo autor acrescenta, na seguinte passagem:

1. Uma sacralidade ou condição de ser sagrado, que por isso impossibilita exercer legitimado por condições transcendentais ou a repetição de gestos arquetipos (no sentido de uma origem imemorial) consagrados pelo mito, o que denominamos de poder religioso e poder mítico. 2. Uma temporalidade, que seria o contexto do período da gestão política por parte dos atores sociais devidamente consagrados, imbuídos, assim de um poder temporal.

3. Uma espacialidade, cuja territorialidade do sagrado objetiva-se como restrições e limite de um poder simbólico. (GIL FILHO, 2008, p. 110-111)

Para Ruiz (1994), as manifestações culturais expressas pelo evento (festivo-religioso) conduzem ao pensamento sobre o processo que faz da difusão da manifestação social, à qual são atribuídas também fatores de “troca simbólica” entre os indivíduos que a compõem. Com isso, as trocas ganham *status* de “junção simbólica que confere sentido pleno à realidade fraturada. O símbolo rejunta as partes separadas” da festa (RUIZ, 1994, p. 134).

A FESTA À “RAINHA DO MAR” NA PRAIA DO CASSINO-RIO GRANDE/RS-BRASIL É UM BEM PATRIMONIAL?

Há uma preocupação em preservar a festa em homenagem a Iemanjá na Praia do Cassino, principalmente, pelos religiosos. Já, por outro lado, o vínculo com o vetor político (a representação política municipal) funciona como um auxílio para a divulgação do próprio município através da festa e também de uma maior notoriedade das religiões que concebem o caráter devocional da mesma.

O reconhecimento religioso, no campo de luta por um espaço maior entre outras religiões, não só formaria uma resistência. Conforme Bourdieu (2009), também a “apropriação” do caráter político constitui, dentro da festa, novos signos e mitos imediatos que se somam junto à festividade.

E nesse contexto, é aceitável levantar uma breve argumentação sobre a festa como patrimônio (material ou imaterial). O patrimônio como material tem-se apenas no monumento que passa de caráter simbólico para o de signo, pois todas as representações da festa estariam concentradas nele. Por outro lado, pensar a festa como um patrimônio imaterial, tem-se a questão da urbanidade e da contemporaneidade, pois a cada ano, a festa, por conta da atuação de outros vetores, como o já citado, torna-se mais espetacularizada, com carro alegórico, e outros elementos que fazem a dimensão lúdico-festiva se ampliarem em uma dimensão de espetacularização, “escondendo”, o rito principal.

Elementos que formam várias festas numa só, mas que ao terminar deixam visíveis somente os pontos fixos (o natural e o religioso-cultural). Assim, para ver a festa a Iemanjá na praia do Cassino-Rio Grande-RS como um patrimônio deve-se

pensar por qual viés: religioso cultural ou como um evento. A princípio, parece ambíguo, mas não é, pois a festa a cada ano toma forma diferente, e os religiosos e frequentadores mais antigos mencionaram, em entrevista, que ela vem perdendo o caráter da fé; entretanto, é possível pensar que ela ganha novas formas de manifestar. O que deixa um “hiato”, pois como patrimônio ela deve ser observada, filmada e catalogada cientificamente, pontuando de forma seletiva o que deve ser preservado. Então o questionamento: O que preservar? Do ponto de vista dos religiosos, ou dos que cultuam a festa deve ser preservada em relação a sua forma principal de devoção, o que a torna mais complexa, pois entra a questão do imaginário e da subjetividade humana. Com o propósito de passarem para as gerações futuras uma forma homogênea de manifestação no tributo a um clamar coletivo a Iemanjá: “Salve a Senhora do Mar”!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta experiência, buscou-se direcionar o olhar ao evento religioso, de modo a encontrar uma abordagem do espaço e suas espacialidades simbólicas através da relação sacro-profana, e mais, subsídio para compreender a representatividade festiva. E com o aporte do turismo, tentou-se abordar o outro lado da festa religiosa, que é a análise espacial, vista como um evento e como tal ele merece um planejamento melhor, pois no decorrer do estudo, foram apontados elementos negativos, principalmente por parte dos moradores e comerciantes do balneário do Cassino em relação à falta de planejamento, o que acarreta em fatores como violência e superlotação dos lugares públicos da localidade. E compreender o processo dos espaços que estão atrelados direta ou indiretamente à festa é um desafio para o governo local, visto que o balneário, nos meses que compõem o verão, apresenta o número de habitantes que sai da faixa de 25.000 para 250.000, ou seja, o seu número se eleva em dez vezes e com a referida festa ainda tem o acréscimo de mais 30.000 pessoas, segundo os dados da SEC e da SMTT.

É possível concluir que a festa tem potencial de atração, ou melhor, de aguçar o deslocamento de indivíduos para a localidade festiva no período que cerca a festividade em homenagem a Iemanjá, mas que é explorado ainda de forma muito

branda e com uma estrutura limitada. Nesta lógica, a festa, como foi mencionada no início do artigo, apresenta uma gama de representações sociais que a cercam, ou seja, o reconhecimento dela como um caráter legitimador pelo lado dos religiosos que, mesmo com a atribuição de novos símbolos, elementos na festa, ligados ao caráter da “nova organização” agora realizada junto pelo governo local. E acarreta consigo, como foi possível perceber, o fator positivo de uma demarcação festiva que tem o seu espaço e a sua ação reconhecida, que não era vista pela sociedade local como um dos entrevistados pontuou: “agora temos o nosso espaço de manifestação reconhecido, tem palanque e até as bandeiras do país, do estado e do município junto à nossa”, explanação que pode ser compreendida como um ato simbólico que perpassa a relação imediata da festividade. Já por outro viés, a aproximação do Poder Municipal desperta pensar a festa como um ícone que pode ser usado como meio de divulgação do município na região. Pois, com o número expressivo de participantes, visitantes excursionistas e turistas como evento merece uma melhor estrutura.

Por outro lado, foi observado que a relação mítica religiosa torna-se profana, pois a meta é despertar a atração das pessoas e dentro destes parâmetros são abertos os fatores religiosos, como um espetáculo com hora e local para terminar. E os atores sociais são dirigidos como um roteiro de filme, onde cada membro participante sabe o seu papel. Mas, em uma sociedade de grande subjetividade, foi possível observar os indivíduos contemplados pela fé, os quais fazem seus agradecimentos em espaços deslocados dos “demarcados pelo Poder Municipal” longe de toda a euforia que uma festa representa. Em silêncio dirigem-se até as águas para renovar os votos com a divindade. Dentro desta contextualidade apresentada da festa, foi possível traçar um organograma das representações festivas, incluindo um discurso entre o simbólico e a festa, na forma de analisar os elementos fixos que compõem o cenário festivo e os elementos móveis e as suas relações de representatividade social.

Neste espectro, os símbolos adotados são úteis para a ciência geográfica, a qual tem como objeto o estudo do espaço, ou melhor, a atuação do homem e as modificações ocorridas neste sustentáculo humano denominado espaço. Desta maneira, justificou-se a importância dos fatores: festa religiosa, evento, símbolo e representação social, no estudo, pois se entende que o espaço não é algo vazio,

sem vida; é ponto também para a reflexão da visão do turismo sobre o sagrado. Ele possui um conhecimento que transcende metodologias e, desse modo, o próprio conhecimento humano. Com isto, a sumarização das ideias apresentadas servirá como premissa, para estimular futuros questionamentos sobre o assunto abordado.

No entanto, a Geografia, por ser tratar de uma ciência, que pode ser considerada “multidisciplinar” e, principalmente, que analisa a relação homem/meio, com a finalidade de compreender o objeto de estudo (espaço geográfico). Esse palco das efetivações humanas, de modo que o presente encontra-se no passado, por exemplo, através dos fatos que forneceram subsídios para a interpretação de uma dada realidade religiosa no ensaio.

O estudo procurou também ressaltar a importância da análise das espacialidades simbólicas (religiosas), as quais partem do imaginário humano e ganham forma e sentidos individuais e coletivos, no que se refere aos desdobramentos cultural, social, filosófico, geográfico e turístico. Assim, buscou-se, como tarefa, trazer contribuições de cunho acadêmico para um possível refletir sobre as relações da espacialidade simbólica da festa junto ao turismo como evento, não sendo conteúdos de conceitos fechados, mas como termos que constituem um espectro que sai do Eu para o Ser. Por fim, ressalta-se que o ensaio poderá estar imbricado a questão do conteúdo do conceito território, tecendo-se estudos sobre a relação do sagrado e as espacialidades no local do evento, além de outros elementos que foram apontados ao longo do estudo e que permitem essa abordagem dentro da Geografia junto ao Turismo.

REFERÊNCIAS

BAHL, M. **Turismo e eventos**. Curitiba: Prottexto, 2004a.

_____. **Fatores ponderáveis no turismo**: sociais, culturais e políticos. Curitiba: Prottexto, 2004b.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: para uma teoria sociológica da religião. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BLASS, L. M. da S. Dois de fevereiro, Dia de Iemanjá, Dia de festa no mar. São Paulo: **Revista Nures** n 5, jan.- abr, 2007. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/revistanures/revista5/nures5_leila.pdf> Acesso em: 11/02/2012.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 27-78.

CAMARGO, T. G.; CALLONI, H. O sagrado e o profano presente na festa de Iemanjá: uma leitura possível de educabilidade ambiental. Rio Grande: FURG **Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**. v. 28, p. 344-356, jan. -jun., 2012. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol28/art24v28.pdf>> Acesso em: 13/08/ 2012.

CLAVAL, P. Instituição da sociedade e mitos fundadores. In: _____. **A geografia cultural**. Tradução de Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2. ed. Florianópolis: EDUFSC, 2001. p. 144-158.

_____. Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na geografia humana. In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços culturais vivências, imaginações e representações**. Salvador: Edufba, 2008. p. 13-29

DIAS, R.; AGUIAR, M. R. de. **Fundamentos do turismo**: conceitos, normas e definições. Campinas-SP: Alínea, 2000.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. Tradução de Paola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GIL FILHO, S. F. **Espaço sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibpex, 2008.

HAESBART, R. **Territórios alternativos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Turismo Religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. Festas Religiosas, Santuários Naturais e Vetores de Lugares Simbólicos. **Revista da ANPEGE**, v.7, p. 93-106, 2011.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROSENDAHL, Z. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

RUIZ, C. B. **Os paradoxos do imaginário**. São Leopoldo-RS: Ed Unisinos, 2004.

VETTORATO, H. K. Turismo e o ensino da geografia. **Espaços da Escola**. Ijuí-RS, ano 12, n.47, p. 33-36, jan.- fev., 2003.

(Recebido em 11.03.2014. Aceito em: 14.06.2014)